





## ABSTRACT

This is the biography of the writer, journalist, folklorist and historian Mario Neme. Born in the city of Piracicaba in the State of São Paulo on May 2nd 1912, he died in the city of São Paulo on March 14th, 1973.

He began his career as a journalist. His rich and diversified work as a writer is marked by two distinct phases, the literary one and the historical.

As a fictionist, he wrote two books of short stories which gave rise to literary polemics at the time, due to the originality of his style and themes, renewing the genus.

Among the epochs of historical events, he chose to focus Colonial Brazil, with emphasis on the history of the State of São Paulo, producing, to begin with, small essays and regional studies.

As director of the Museu Paulista from 1961 to 1973, he showed a dynamic conception of museology, furnishing the institution with an auditorium for courses and conferences, as well as laboratories of restauration and cine-photo-sonography.

He stimulated research in the sectore of archeology, ethnology and history, also reactivating the publication of the *Anais do Museu Paulista*, which had been paralised for ten years.

The transfer of the Museu Paulista to the University of São Paulo was his work.

His whole life was dedicated to research. As a literary man, he always tried to write in consonance with life, searching for the proper language and participating as a personage in his dramas and comedies; as a folklorist and historian he also left the mark of his research in his published works.

*Donana sofredora* and *Mulher que sabe latim* are his best works as a fictionist; as a journalist, *Plataforma da nova geração*; as a historian, *Fórmulas políticas do Brasil holandês* (1971) and *O Brasil no tempo de Nassau* (ms.)

ABSTRACT

This is the biography of the writer, journalist, publisher and historian Mario de Moraes born in the city of Ilhéus in the State of Bahia on May 2nd 1912 and died in Rio de Janeiro on March 11th 1972.

He began his career as a journalist, his first and principal work as a writer is marked by two historical phases: the literary one and the historical.

As a historian he wrote two books of great value which gave new to literary criticism at the time due to the originality of his style and themes, revealing the essence.

Among the aspects of historical events he chose to focus his attention with emphasis on the history of the State of Bahia, producing to date with great care and regional studies.

An director of the Museu Paulista from 1961 to 1965, he showed a dynamic conception of museum, founding the institution with an auditorium for courses and conferences as well as laboratories of restoration and ethno-geography.

He stimulated research in the areas of archeology, ethnology and history, also revealing the publication of the series de Museu Paulista, which had been paralyzed for ten years.

The transfer of the Museu Paulista to the University of São Paulo was his work.

His whole life was dedicated to research. As a literary critic he always tried to write in accordance with the standards in the proper language and he translated as a parameter in his themes and contents; as a folklorist and historian he also left the mark of his research in his published works.

Alunos de Moraes e outros que não foram seus alunos são seus alunos: como jornalista, crítico literário, historiador, geógrafo, etnólogo, folclorista, pesquisador de história local (1971) and O Brasil no tempo de Moraes (1972).

## A MORTE DE UM LIBERAL: UMA LOUVAÇÃO TARDIA

Maria José Elias

“Mário Neme morreu ontem” — Com este título de características tão semelhantes e peculiares à própria maneira de expressar do jornalista, escritor e historiador desaparecido, o jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 15 de março de 1973, tornava pública a notícia da sua morte, como se estivesse com ele se identificando. Terminava, assim, uma vida intensa em ação e pensamento, com respeito ímpar ao ser humano.

A doença que o vitimara fora minando aos poucos seu organismo, contrastando com a intensidade com que vivia o cotidiano. Dois dias antes de sua morte, tomou providências relacionadas com a Instituição que dirigia, o Museu Paulista: assinou expedientes e exigiu resposta para assuntos pendentes.

Sua obra de escritor, vasta e diversificada, é marcada por duas fases distintas: a literária e a histórica.

O traço mais destacado do ficcionista é a preocupação com o psicológico do ser humano, especialmente visível nos contos *Donana Sofredora* (1941) e *Mulher que sabe latim* (1944), que na época provocaram celeumas literárias. Os críticos ressaltaram a originalidade de seu estilo e de seus temas, que vinham renovar o gênero.

Em carta enviada a Sérgio Milliet, Mário de Andrade comentava os originais de *Donana Sofredora*, escrevendo, “a valorização psicológica dos personagens é quase sempre excelente, muito segura na escolha dos traços e colorida na exposição: os seres vivem”. Na mesma carta recomendava a publicação dos contos e previa o caráter passageiro dessa fase da literatura ficcionista, “acho que deve ser publicado quanto antes. Pertence a esse gênero de fases de um autor que passam rápidas, duram no geral a existência de um livro”. E foi realmente o que aconteceu. Mário Neme escreveu apenas dois livros de contos.

Em explicação dada ao leitor em *Mulher que sabe latim* (1944), Mário Neme dizia, “este livro é, antes de tudo, uma tentativa de estilização da sintaxe popular do Brasil, estilização no sentido de aplicação da sintaxe popular a uma linguagem literária”, ao que completava Antonio Cândido, “a característica deste nosso autor é tocar na viola o que os outros usualmente vão tocar na harpa”.



Morrendo Mário de Andrade, o amigo de quem sempre falava com saudades, Mário Neme perdeu o entusiasmo pela literatura; esse mundo colorido perdera o sentido, o que o levou a abandonar algo que tanto o caracterizara.

A excelência do jornalista foi comprovada quando idealizou e dirigiu, na década de 40, inquéritos entre a intelectualidade representativa da época e que foram condensados em livro editado pela Livraria do Globo de Porto Alegre, *Plataforma da Nova Geração* (1945).

Segundo o autor, “não foi a rigor, um inocente inquérito, no sentido que essa palavra tem atualmente para os leitores de jornais, mas sim um verdadeiro pronunciamento, uma espécie de definição dos princípios, das idéias e dos pontos de vista pelos quais se batem e se norteiam os moços escritores brasileiros, num momento da História em que todos os povos do mundo se debatem numa luta decisiva.”

Também foi um cultor do folclore nacional. Amava o povo e isto foi uma constante durante a sua vida. Seus contos e sua peça de teatro foram marcados por uma literatura enraizada na vida popular; seus personagens são bem “gente do povo”.

Precisamos conhecer melhor e prestigiar as nossas coisas, os nossos usos e costumes, dizia Mário Neme. Promoveu demonstrações públicas de folclore em São Paulo e no interior. Tinha preferência pelo cururu, festejo de fundo religioso, espécie de canto-dança próprio das zonas paulistas, mais difundido nas regiões açucareiras do Estado. Era com entusiasmo que falava da presença de espírito e da facilidade de improvisação do caboclo paulista, fato que para muitos não passava de uma lenda.

Do seu mundo folclórico nasceu:

#### *POEMA DO MEU DESEJO NAVEGANTE*

Ah! eu feito uma vela branca  
navegando no Tietér!

Ah! eu feito uma vela branca  
branca branca

passando por cima dos bagres,  
cascudos e alambaris...

Dourados principalmente!

Ah! eu feito uma vela branca  
vela branca bem visível,  
levada por todos os ventos,  
visível de todos os lados,  
e navegando no Tietér!

Porque o Tietér não corre pro mar...

Na história, ele optou, dentre as épocas dos acontecimentos, pelo Brasil Colônia, com ênfase na história de São Paulo, produzindo inicialmente pequenos ensaios e estudos regionais.

Na monografia *História da Fundação de Piracicaba* (1943), procurou fazer a reconstituição histórica desse município, desde o seu primeiro povoador até a criação da vila, abrangendo o período de 1725 a 1822. Esta pequena história destinava-se à fixação documentada de nomes, datas e fatos, já com um desejo de contribuir com especialistas em ciências humanas na tarefa da interpretação histórica dos fatos registrados.

Nas pesquisas que levaram à montagem da exposição histórica do IV Centenário no Ibirapuera, conseguiu estabelecer pontos essenciais para uma ampla revisão da história de São Paulo no primeiro século. Motivado ainda pela discordância com o historiador Jaime Cortesão acerca da fundação de São Paulo, publicou as *Notas de Revisão da História de São Paulo* (1959).

Mas a obra histórica de maior alcance de Mário Neme refere-se ao domínio holandês no Brasil, em que trabalhou durante oito anos.

Em um estudo sobre *A Holanda e a Companhia das Índias Ocidentais no Tempo do Domínio Holandês no Brasil* (1968), analisou, do ponto de vista da história das idéias, o que era a Holanda ou as Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, no momento da fundação da Companhia das Índias Ocidentais e o que essa Companhia representou para a própria Holanda, bem como para os demais países do Ocidente que participavam do comércio colonial.

Só viu sentido num estudo dirigido para uma análise da estrutura, do caráter e da forma de ação da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, empresa que, por sua vez, pressupunha o estudo das condições políticas, sociais e econômicas vigentes nas Províncias Unidas dos Países Baixos e que, de uma forma ou de outra, foram responsáveis pela concretização da Companhia e pela maneira como ela se constituiu.

Sem o conhecimento da realidade do país e do povo da Holanda, seria impossível entender o mecanismo de organização, de funcionamento das Companhias das Índias Orientais e Companhia das Índias Ocidentais e as formas peculiares que assumiram.

O papel que estas Companhias assumiram, embora temporário, foi marcante numa determinada conjuntura histórica e veio dar origem, na ordem jurídico-econômica de muitos países, à instituição "sociedade anônima".

Estudou não só a missão política da Companhia por delegação do governo da Holanda, mas também as feições pelas quais essa entidade representaria algumas das "mais vivas condensações psico-sociais" dos neerlandeses.

Para Mário Neme, a Companhia das Índias Ocidentais constituiu-se, pelos seus componentes, "uma projeção das constelações

sócio-culturais do seu país de origem” e justifica o seu trabalho, afirmando que esta identificação o levou a “... tentar vislumbrar as idéias e as concepções jurídico-políticas do povo que iria orientar a reorganização da colônia conquistada”.

Em um segundo trabalho, *Fórmulas Políticas do Brasil Holandês* (1971), ele retomou o estudo da invasão holandesa em Pernambuco, revolucionando com sua exaustiva pesquisa a história desse período. A obra proporcionou uma visão totalmente nova do que tinha sido estudado até então, sempre no mesmo sentido, ou seja, sempre com as mesmas idéias pré-estabelecidas. Isto o levou a tentar demonstrar, sistematicamente, que a chegada dos holandeses em Olinda (1630) não marcou o início de desenvolvimento social, econômico e político e nem se pautou pela tão propalada tolerância religiosa.

Um terceiro trabalho, *O Brasil Holandês no tempo de Nassau*, ainda inédito, é mais um estudo de situações de fato e um reexame do comportamento de João Maurício, através do qual mostra a outra face de Nassau, fazendo também a análise dos principais assuntos debatidos na Assembléia de 1640. E como o próprio autor escreveu, “não representa este livro uma arremetida contra o mito — que seria vã e sem sentido — mas o resultado de paciente e exaustivo esforço empregado na tentativa de compreender o curioso fenômeno de fabricação e propagação desse mito, tal como logo se nos afigurou já aos primeiros exames concretos dos documentos”.

Partindo de uma nova interpretação de textos coevos, esteados em pesquisas bibliográficas de autores, tais como: *Os Holandeses no Brasil*, de Pieter Marinus Netscher, *O Domínio Colonial Holandês no Brasil*, de Hermann Watjen, *Tempo dos Flamengos*, de José Antonio Gonsalves de Mello Neto, *Os Holandeses no Brasil*, de Charles R. Boxer, mostrou a inconstância da crença que se firmou acerca da experiência holandesa no nordeste do Brasil e que a dão como a responsável pela vigência de um regime largamente representativo e de índole republicana.

À frente do Museu Paulista (1961-1973) evidenciou uma concepção dinâmica de museologia.

Desde que as atividades de um museu giram em torno do objeto, nunca se distanciou da visão “tridimensional” desse objeto: conservação, pesquisa e difusão (exposições, publicações e cursos). Para tanto foi, paulatinamente e com muita luta, aparelhando a instituição com laboratórios de Cine-Foto-Sonografia e de Restauração.

Adquiriu o Arquivo Aguirra com dados cartoriais e de arquivos históricos, mapas regionais, plantas de fazendas e loteamentos urbanos e rurais, de grande valor para a microgeografia e a história da propriedade da terra em São Paulo, bem como coleções etnográficas de tribos brasileiras em vias de desaparecimento. Iniciou também a microfilmagem de documentos de interesse para a história do Brasil, encontrados em arquivos portugueses.



Trabalhou incansavelmente no sentido de preservar fontes primárias para a história do Brasil, não poupando esforços junto ao Fórum de Porto Feliz, para a transferência de importante núcleo de documentação cartorial e junto à Prefeitura Municipal de Taubaté para a transferência temporária do Arquivo Felix Guisard para o Museu Paulista, onde a documentação recebeu tratamento adequado. A pedido da Secretaria dos Negócios da Educação de Cuiabá, apresentou também um plano de trabalho para a preservação dos documentos do Arquivo Histórico de Cuiabá.

Foram dinamizadas as pesquisas de campo em Arqueologia, através de um plano de escavações no vale do rio Paranapanema, culminando com a criação do Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas no município de Piraju, através de convênio entre a Prefeitura dessa cidade e o Museu Paulista. Atualmente, este núcleo de pesquisa leva o nome de *Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas "Mário Neme"*.

Sua constante preocupação por promoções culturais que contribuíssem para a educação e formação das pessoas em todos os níveis e em todas as idades e que permitissem uma vinculação mais íntima entre Museu e povo, levou-o a efetuar convênios de outra natureza com Secretarias de Estado e Prefeituras Municipais: deste modo, foram organizadas e montadas por pessoal especializado, várias exposições temporárias relativas aos mais diversos assuntos, em municípios como Santo André, Itu, Ourinhos, Piraju e Presidente Prudente.

Ao assumir a Direção do Museu Paulista em fins de 1960, sua primeira preocupação foi reiniciar a publicação dos *Anais do Museu Paulista*. Aproveitou para tanto o material já reunido pelo historiador Affonso de E. Taunay e assim, em 1961, surgia o Tomo XV dos Anais, depois de uma interrupção de dez anos.

Em 1962, iniciou a publicação de uma nova série, a *Coleção Museu Paulista*, com o trabalho de José de Almeida Santos, *Mobiliário Artístico Brasileiro*, cujo objetivo era oferecer obras especializadas de interesse artístico e museográfico.

Ainda durante a administração Mário Neme, dois fatos relevantes ocorreram:

- a) a realização do primeiro de uma série de cursos de extensão universitária e divulgação cultural, promovidos periodicamente: de setembro a novembro, funcionou o curso de Museologia para museus de história e zoologia, contando com a colaboração de especialistas da Universidade de São Paulo, Secretaria da Agricultura e do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1962);

- b) a transferência do Museu Paulista, então órgão da Secretaria dos Negócios da Educação, para a Universidade de São Paulo, marco decisivo na história dessa Instituição (1963).

Mário Neme, filho de Abdo Neme e Missera Neme, nasceu em Piracicaba, a 2 de maio de 1912. Depois de ingressar em vários cursos e não prosseguir em nenhum deles, tentou também as mais variadas profissões, sem se acomodar a nenhuma delas, quando se dedicou ao jornalismo. Só aqueles que com ele conviviam no trabalho cotidiano percebiam a sua grande sensibilidade. Era sizado, calado, discreto e, à primeira vista, não parecia simpático. Dada sua capacidade de trabalho, revelada de uma maneira toda especial, por lidar com diversos assuntos simultaneamente, amiúde se impacientava com seus auxiliares que, devido a isto, não conseguiam acompanhá-lo nos diversos misteres. Disfarçava o calor humano que sentia pelo semelhante no tom polêmico com que criticava os trabalhos a ele apresentados.

Sua vida foi toda dedicada à pesquisa. Como literato, procurou sempre escrever em consonância com a vida, buscando inclusive uma linguagem própria e participando como personagem de seus dramas e comédias; como folclorista e como historiador, também deixou a marca de suas pesquisas nos trabalhos publicados.

Trabalhou como jornalista desde 1936 em vários jornais de São Paulo: "Correio de São Paulo", "Última Hora", "Jornal da Manhã" e, a partir de 1944, passou a fazer parte do corpo editorial de "O Estado de S. Paulo", onde permaneceu até março de 1972.

Como funcionário da Câmara Municipal de São Paulo prestou serviços junto à Divisão de Documentação Histórica e Social da Prefeitura (1937), e foi encarregado da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. De 1943 a 1944, foi responsável pelo *Boletim Bibliográfico*, publicação da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Com Sérgio Milliet fundou a Sociedade Paulista de Escritores (1942), destinada a defender os interesses da classe e fez parte da sua diretoria. Em 1946, foi eleito Secretário Perpétuo, cargo a que renunciou em 1948. Foi um dos responsáveis pela organização do I Congresso Brasileiro de Escritores realizado em São Paulo em 1945, do qual partiu o primeiro protesto contra a ditadura de Getúlio Vargas, terminada com a Constituição de 1946.

Foi membro da Delegação de São Paulo ao II Congresso Brasileiro de Escritores em Belo Horizonte (1947) e do I e II Congresso Paulista de Escritores, realizados, respectivamente, em Limeira (1946) e Jaú (1948) e membro da Comissão Organizadora do Congresso Internacional de Escritores do IV Centenário de São

Paulo. Foi Diretor do Serviço de Imprensa e Propaganda da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1953-1954).

Além de membro de várias comissões, foi responsável pela montagem dos setores correspondentes à Independência, Monarquia e República da Exposição Histórica do IV Centenário de São Paulo no Parque Ibirapuera (1954), participando, no mesmo ano, da remontagem da Exposição de Artes e Técnicas Populares, também no Parque Ibirapuera, da qual se originou o Museu de Folclore.

Como folclorista, foi membro da delegação paulista ao II Congresso Nacional de Folclore, Salvador (1957) e da delegação paulista ao III Congresso Nacional de Folclore, Porto Alegre (1959). Compareceu ao Congresso Internacional de Folclore realizado em Buenos Aires (1960), comemorativo ao Sesquicentenário da Independência da República Argentina, como membro da Delegação Brasileira e fez parte da comissão de Métodos e Técnicas do Folclore.

Foi membro do Comitê Nacional do International Council of Museums. Participou do III Congresso Brasileiro de Museus, em Salvador (1962) e, como relator do subgrupo de História do grupo de Artes e História, apresentou um trabalho sobre *Utilização Cultural de Material de Museu*. Participou também do IV Congresso Nacional de Museus realizado no Rio de Janeiro (1965).

Com os professores Drs. Eurípedes Simões de Paula e Eduardo d'Oliveira França, fez parte da Comissão Especial designada pelo Magnífico Reitor da USP (Portaria GR-n.º 28, de 21/3/63), para estudar a reorganização do Museu Paulista.

Foi também designado pelo Magnífico Reitor da USP para representar aquela Universidade junto ao Instituto Histórico e Geográfico, nas comemorações do bicentenário de José Bonifácio de Andrada e Silva; foi ainda indicado para fazer parte da Comissão Especial para estudar e propor a organização dos Cursos Básicos na Universidade de São Paulo.

Participou da comissão nomeada pelo Governador do Estado (1970) para estudar a remodelação do Parque do Ipiranga, em cujo centro se localiza o Museu Paulista; o relatório final foi por ele redigido do qual constam nove recomendações a serem consideradas pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de São Paulo.

Não conseguiu realizar o seu último projeto, que seria um Simpósio Internacional de Arqueologia e Etnologia, com apoio da Divisão de Antropologia da Smithsonian Institution, de Washington. A idéia desse encontro surgiu de uma conversa no Museu Paulista com um elemento da mencionada instituição e teria como finalidade verificar a situação da Arqueologia e Etnologia, especialmente no Brasil, as perspectivas para o futuro próximo e principais acontecimentos registrados, na década de 60, no campo da pesquisa e da teoria.

## BIBLIOGRAFIA DE MÁRIO NEME

1936

1. *Piracicaba. Documentário*, Piracicaba, Ed. João Mendes Fonseca, 1936, 257 págs.

1938

2. *Piracicaba no século XVII*, separata da Revista do Arquivo Municipal, vol. 45, São Paulo, 1938, 53 págs.

1939

3. *Um município agrícola. Aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba*, separata da Revista do Arquivo Municipal, vol. 57, São Paulo, 1939, 96 págs.

1940

4. *Pedro Luís (notas para uma biografia)*, separata da Revista do Arquivo Municipal, vol. 63, São Paulo, janeiro de 1940, 44 págs.
5. *Fundação de Piracicaba*, separata da Revista do Arquivo Municipal, vol. 66, São Paulo, abril-maio de 1940, 50 págs.

1941

6. "Pra começo de conversa", *Planalto*, São Paulo, 1.º de julho de 1941, ano I, n.º 4, pág. 2.
7. "Donana Sofredora", *Planalto*, São Paulo, 16 de setembro de 1941, ano I, n.º 9, pág. 7.
8. "Infância e Juventude de Prudente de Moraes", *Planalto*, São Paulo, 15 de outubro de 1941, ano I, n.º 11, pág. 2.
9. "A Mui Infeliz Senhora Amélia", *Planalto*, São Paulo, 1.º de novembro de 1941, ano I, n.º 12, pág. 85.
10. "Bilhetinho a Mário Donato sobre Língua Brasileira", *Planalto*, São Paulo, 15 de novembro de 1941, ano I, n.º 13, pág. 18.
11. *A acentuação na ortografia simplificada*, separata da Revista do Arquivo Municipal, vol. 73, São Paulo, janeiro de 1941, 46 págs.
12. *Donana Sofredora*, contos, com ilustrações de Noêmia, Curitiba, Coleção Caderno Azul, Guaíra, 1941, 93 págs.
13. "Ensaio sobre a comadre", *Clima*, São Paulo, julho de 1941, n.º 2, págs. 70-78.

## 1942

14. "Mula que faz him (conto)", *Clima*, São Paulo, abril de 1942, n.º 9, págs. 79-85.
15. "Dona Adelaide, como o nome indica", conto, *Clima*, São Paulo, julho-agosto de 1942, n.º 11, págs. 75-87.

## 1943

16. *História da Fundação de Piracicaba*, Piracicaba, Ed. João Mendes Fonseca, 1.ª ed., 1943, 209 págs.; 2.ª ed. publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1974.

## 1944

17. *Mulher que sabe latim*, contos, Flama, São Paulo, 1944, 158 págs.
18. *Pequenos serviços em casa de casal*, teatro.

## 1945

19. *Plataforma da Nova Geração*, Coleção de Autores Brasileiros, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1945, 239 págs.

## 1946

20. *A linguagem de Mário de Andrade*, separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. 106, São Paulo, 1946, 8 págs.
21. "Biografias de La Condamine, Saint-Hilaire e d'Orbigny", no livro de colaboração internacional *Les Explorateurs Célèbres*, co-edição de Editio S/A., Paris, e Éditions d'Art Lucien Mazenod, Genebra, 1946.

## 1947

22. *Estudinhos Brasileiros*, Ed. Guaíra Limitada, Curitiba, 1947, 119 págs.

## 1959

23. *Notas de Revisão da História de São Paulo*, Anhembi, São Paulo, 1959, 396 págs.
24. "Damião de Góes", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 de setembro de 1959, suplemento n.º 148, pág. 1.
25. "Damião de Góes e a Inquisição", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 de setembro de 1959, suplemento n.º 150, pág. 6.

## 1960

26. "Recife dos Holandeses", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 de janeiro de 1960.

27. "Os conceitos sobre o Brasil Holandês", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 de maio de 1960, suplemento n.º 183, pág. 6.
28. "Liberdade de culto no Brasil Holandês", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 de junho de 1960, suplemento n.º 187, pág. 3.
29. "O Tempo de Nassau", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de julho de 1960, suplemento n.º 189, pág. 6.
30. "Governo do Brasil Holandês", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de agosto de 1960, suplemento n.º 193, pág. 3.
31. "Conceitos e idéias no Brasil Holandês", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1.º de outubro de 1960, suplemento n.º 201, pág. 4.
32. "Governo do Brasil Holandês", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 de outubro de 1960, suplemento n.º 205, pág. 4.
33. "A Assembléia de Nassau", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 de dezembro de 1960, suplemento n.º 210, pág. 4.

1961

34. "A comuna no Brasil Holandês I", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 de fevereiro de 1961, suplemento n.º 220, pág. 1.
35. "A comuna no Brasil Holandês II", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 de fevereiro de 1961, suplemento n.º 221, pág. 3.
36. "Museu de Folclore I", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de julho de 1961, suplemento n.º 240, pág. 2.
37. "Museu de Folclore II", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 de julho de 1961, suplemento n.º 241, pág. 6.
38. "Museu de Folclore III", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 de agosto de 1961, suplemento n.º 242, pág. 2.

1962

39. "Quarenta anos depois — Mário Neme e a Geração de 30 (Semana Depoimento)", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 de fevereiro de 1962, suplemento n.º 269, pág. 2.
40. "Paulistas e mineiros plantadores de cidades. Resenha Bibliográfica", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 de março de 1962, suplemento n.º 274, pág. 2.

1963

41. "As Cartas de Soror Mariana I", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 de fevereiro de 1963, suplemento n.º 318, pág. 2.
42. "As Cartas de Soror Mariana II", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de fevereiro de 1963, suplemento n.º 319, pág. 1.
43. "As Cartas de Soror Mariana III", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 de março de 1963, suplemento n.º 320, pág. 2.

44. "As Cartas de Soror Mariana IV", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de março de 1963, suplemento n.º 321, pág. 1.
45. "Da propriedade senhorial", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 de outubro de 1963, suplemento n.º 353, pág. 3.
46. "Da Burguesia", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 de dezembro de 1963, suplemento n.º 359, pág. 4.
47. *Notas para uma teoria do comércio colonial português*, separata dos Anais do Museu Paulista, tomo XVII, São Paulo, 1963, 46 págs.

1964

48. *Utilização cultural de material de Museu*, separata dos Anais do Museu Paulista, tomo XVIII, São Paulo, 1964, 62 págs.
49. "O aspecto econômico do senhorio", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 de janeiro de 1964, suplemento n.º 365, pág. 3.
50. "Da economia senhorial", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 de janeiro de 1964, suplemento n.º 366, pág. 6.
51. "O Recife antes de Nassau I", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 de maio de 1964, suplemento n.º 380, pág. 3.
52. "O Recife antes de Nassau II", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 de maio de 1964, suplemento n.º 381, pág. 3.
53. "O Recife antes de Nassau III", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de maio de 1964, suplemento n.º 382, pág. 3.
54. "O Recife antes de Nassau IV", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de junho de 1964, suplemento n.º 383, pág. 2.

1965

55. "Tempo (e idéias) de Nassau: a limitação de poderes", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 de abril de 1965, suplemento n.º 426, pág. 2.
56. "Tempo (e idéias) de Nassau: liberdade dos índios I", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de maio de 1965, suplemento n.º 428, pág. 2.
57. "Tempo (e idéias) de Nassau: liberdade dos índios II", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 de maio de 1965, suplemento n.º 429, pág. 2.
58. "Tempo (e idéias) de Nassau: liberdade dos índios III", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 de maio de 1965, suplemento n.º 431, pág. 2.

1966

59. *O Domínio Holandês*, introdução e texto em álbum de gravuras do livro de Barléu, Difusão Nacional do Livro, São Paulo, Editora Coliseu, 1966, 122 págs.

60. *Difícil África Negra*, São Paulo, Editora Coliseu, 1966, 122 págs.
61. “Tempo e idéias de Nassau I”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 de maio de 1966, suplemento n.º 476, pág. 4.
62. “Tempo e idéias de Nassau II”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 de maio de 1966, suplemento n.º 477, pág. 4.
63. “Fatos do domínio holandês I”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 de julho de 1966, suplemento n.º 488, pág. 4.
64. “Fatos do domínio holandês II”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de agosto de 1966, suplemento n.º 489, pág. 6.
65. “Fatos do domínio holandês III”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 de agosto de 1966, suplemento n.º 490, pág. 4.
66. “Fatos do domínio holandês IV”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 de agosto de 1966, suplemento n.º 491, pág. 6.

1967

67. “Rua Direita, estrada de Damasco”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 de fevereiro de 1967, suplemento n.º 514, pág. 2.

1968

68. *A Holanda e a Companhia das Índias Ocidentais no Tempo do Domínio Holandês no Brasil*, separata dos Anais do Museu Paulista, tomo XXII, São Paulo, 1968, 214 págs.

1969

69. *Dados para a história dos Índios Caiapó*, separata dos Anais do Museu Paulista, tomo XXIII, São Paulo, 1969, 48 págs.
70. *Dois antigos caminhos de sertanistas de São Paulo*, separata dos Anais do Museu Paulista, tomo XXIII, São Paulo, 1969, 100 págs.
71. “Revisão de Paulo Prado”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 de maio de 1969, suplemento n.º 625, pág. 6.
72. “Regressão x Arcaísmo”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 de julho de 1969, suplemento n.º 634, pág. 6.
73. “Caiapó guerreiros”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 de julho de 1969, suplemento n.º 635, pág. 5.
74. “Caiapó volantes”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 de agosto de 1969, suplemento n.º 638, pág. 6.
75. “Caiapó pacíficos”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de setembro de 1969, suplemento n.º 640, pág. 6.
76. “Caiapó em mudança”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 de setembro de 1969, suplemento n.º 641, pág. 6.
77. “Caiapó em transição”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 de novembro de 1969, suplemento n.º 648, pág. 4.



1970

78. *Um governador reformista no São Paulo colonial*, separata dos Anais do Museu Paulista, tomo XXIV, São Paulo, 1970, 53 págs.
79. "Ibiraiaras x Bilreiros", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 de novembro de 1970, suplemento n.º 697, pág. 1.
80. "Ibiraiaras x Bilreiros", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 de dezembro de 1970, suplemento n.º 702, pág. 2.

1971

81. "Ibiraiaras x Bilreiros", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 de janeiro de 1971, suplemento n.º 705, pág. 1.
82. "Bandeiras e Bandeiras", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 de fevereiro de 1971, suplemento n.º 709, pág. 4.
83. "Características da bandeira", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 de março de 1971, suplemento n.º 713, pág. 1.
84. "Adaptação do termo *bandeira*", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 de abril de 1971, suplemento n.º 717, pág. 1.
85. "Bandeira na linguagem popular", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 de maio de 1971, suplemento n.º 718, pág. 3.
86. *Fórmulas Políticas no Brasil Holandês*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971, 271 págs.

1974

87. *Apossamento do Solo e Evolução da Propriedade Rural na Zona de Piracicaba*, Coleção Museu Paulista, Série de História, vol. 1, São Paulo, 1974, 133 págs.

INÉDITOS

88. *O Brasil Holandês no Tempo de Nassau*.
89. *Apossamento do Solo e Evolução da Propriedade Rural na Zona de Campinas*.